

História e Clínica Psicanalítica.

Psychoanalytical History and Clinic.

ILAN KON

RESUMO:

Este trabalho é um início de investigação sobre os modos de compreender a história na psicanálise, articulando conceitos de epistemologia, antropologia e filosofia da história. Partimos da ideia de que existe sobre esse tema um preconceito generalizado enraizado no senso comum e que tanto o status atribuído aos fatos históricos, como a noção de tempo que é sustentada são decisivos na conceitualização da teoria e nas implicações clínicas da técnica psicanalítica resultante dela.

PALAVRAS-CHAVE: história – tempo – estrutura – conjectura – clínica – psicanálise.

ABSTRACT:

This work is the beginning of research on the ways of understanding history in psychoanalysis, articulating concepts of epistemology, anthropology and the philosophy of history. We start from the idea that there is a generalized prejudice on this topic rooted in common sense and that both the status given to historical facts, as well as the notion of time that is held, are decisive in the conceptualization of the theory and in the implications clinics of the psychoanalytic technique that results from it.

KEYWORDS: history – time – structure – conjecture – clinical – psychoanalysis.

Introdução

Desde os primórdios da psicanálise, a história tem sido um elemento central para a teoria, envolvendo principalmente uma certa concepção a respeito do tempo. Em vários Seminários e Escritos de Lacan, encontramos afirmações contundentes sobre esse tema; no entanto, parece-me que, por falta de um contexto adequado de discussão, as particularidades e as potencialidades do conceito psicanalítico de história se perdem nas noções do senso comum. Por essa razão, propomos investigar três abordagens diferentes sobre a história: por um lado, a proposta de Walter Benjamin, que articula ideias do materialismo dialético e da psicanálise, em uma visão crítica que sintetizaremos no desenvolvimento do conceito de imagem dialética; algumas reflexões do

epistemólogo Karl Popper sobre o valor da conjectura nas ciências humanas e, finalmente, uma abordagem ao enfoque estrutural do tema fornecida pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss.

O senso comum

Segundo Alberto Brebbia, tendemos a conceber a história como uma sucessão de eventos encadeados em uma linha cronológica, onde os acontecimentos são dados da realidade ocorridos no passado. Assim, a sequência temporal implica uma ordenação lógica, onde o passado é um antecedente e o presente uma consequência, de modo que deve ser lido retrospectivamente. O narrador, nessa história, é um observador passivo que se limita a percorrer a trama do passado de maneira objetiva.

Refundar a história

A lista de pensadores que questionaram essa primeira ideia tão poderosa é extensa, mas, para fins expositivos, mencionarei três que, a partir de diferentes disciplinas e abordagens, questionam e propõem abordagens sobre aspectos específicos que dizem respeito à ideia de história na psicanálise e cujas contribuições podem ser encontradas nela. Em primeiro lugar, Walter Benjamin, filósofo e crítico alemão que viveu entre 1892 e 1940, em seus escritos sobre cultura, história e arte conjugaram o materialismo dialético com a tradição mística e cabalística do judaísmo. Na seção VI de sua obra mais conhecida, *Conceitos de Filosofia da História* (1942), ele diz:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo tal como verdadeiramente foi.¹

Esta afirmação categórica coloca em xeque a ideia de objetividade e a historicização entendida como descrição da realidade. No *Livro dos Passagens*, também conhecido como *Pré-história da Modernidade* (1982), Benjamin volta a esta questão, mas a partir da noção de imagem dialética, que para ele constitui uma poderosa ferramenta conceitual. A imagem dialética é uma forma de

¹ Benjamin, W. (2011). *Conceptos de filosofía de la historia*. Buenos Aires: Agebe. p. 7. (Tradução nossa).

representação dinâmica que se configura a partir de fragmentos do passado, os quais se entrelaçam e se fundem para gerar uma nova totalidade carregada de tensões e contradições. Através desse enfoque, o filósofo alemão busca projetar uma compreensão mais profunda da história, sublinhando a contínua mutabilidade da realidade e a persistência ativa do passado no presente. A imagem dialética se converte em um meio para interpretar a história através da fragmentação e interconexão de objetos e pensamentos aparentemente díspares. A imagem dialética não adere a uma narrativa linear convencional, mas esforça-se por capturar a intrincada e complexa relação entre o atual e o pretérito. Por meio de sua representação não linear, revela as relações inesperadas e as discontinuidades que existem entre seus diversos elementos, sublinhando assim as complexidades adjacentes que frequentemente se perdem nas narrativas históricas convencionais. Ao romper com essas concepções lineares, a imagem dialética convida a reconsiderar criticamente a própria natureza da história e a questionar as interpretações simplistas e unilaterais do passado:

O objeto da história continua se transformando, tornando-se histórico em sentido enfático apenas quando é atual para um tempo posterior.²

História e Epistemologia

Outro autor que se interessou pelo tema foi Karl Popper, que em *O Mito do Quadro Comum* questiona a postura “historicista” que implica as ideias de progresso ou retrocesso, e tende a tomar o espírito de cada época como uma entidade que explicaria as declarações e as ações dos homens. Popper mantém uma posição crítica a respeito da previsibilidade do curso da história ou do seu sentido intrínseco. O sentido não é dado pela mera sucessão de eventos passados verificáveis, mas é uma “conjectura” que não necessariamente requer suporte empírico e que pode ser modificada. Na ciência, Popper estabelece:

Começamos com mitos, como preconceitos e tradições infectadas de erro, e a partir deles procedemos à crítica [...] o papel da evidência é, fundamentalmente, corrigir nossos erros, nossos preconceitos. Nossas teorias tentativas, ou seja, desempenhar

² Benjamin, W. (1982). *El libro de las pasajes*. Introducción del Editor Rolf T. Madrid: Akal. p. 26. (Tradução nossa).

um papel na discussão crítica, na eliminação do erro [...] ao corrigir nossos erros, levantamos novos problemas. E para resolver esses problemas, inventamos conjecturas, ou seja, teorias tentativas.³

Essencial para Popper é a análise situacional, e a tentativa do historiador de analisar e descrever a situação é sua conjectura histórica. Dessa forma, não precisa se ajustar à linearidade causal e permite fragmentações, novas abordagens e variações no relato histórico. Nesse sentido, a pergunta que o historiador deve fazer é sobre quais são os elementos operativos relevantes da situação.

História e Estruturalismo

Em terceiro lugar, temos a noção de estrutura com a qual Lévi-Strauss (1829-1902) contribuiu, que se refere a um conjunto de elementos mutuamente solidários que constituem uma unidade autorregulada, onde a modificação de qualquer um deles reconfigura o conjunto. Agora, é a leitura a partir do método estrutural que permite estabelecer a trama relacional, as propriedades dos elementos e suas leis de funcionamento. Isso significou, na época, uma mudança no tratamento dos dados e no tipo de leitura que propõe o conhecimento histórico, formulando um questionamento sobre o papel da consciência no comportamento social. Os termos de parentesco se constituem em elementos de significação adquirida pela integração em sistemas, e esses sistemas, ao serem elaborados em um plano de pensamento inconsciente, podem ser considerados como um jogo de leis gerais, mas ocultas.

A História em Lacan

Assim como a invenção das geometrias não-euclidianas permitiu questionar o que entendíamos por geometria, a consideração de abordagens diferentes sobre a noção de história nos permite questionar a noção de história com a qual nós, analistas, trabalhamos.

Agora, segundo a proposta de Lacan, o sentido não consiste, mas insiste na cadeia significante, então retomaremos algumas postulações sobre a questão da história para ver que sentido podemos extrair disso.

³ Popper, K. (1994). *El mito del marco común*. Barcelona Paidós Básica. p. 141. (Tradução nossa).

Em primeiro lugar, das múltiplas referências sobre o tema que Lacan faz em “Função e Campo da Palavra e do Linguagem em Psicanálise”, esse manifesto com o qual inicia seu ensino, interessa-me destacar o seguinte:

O que ensinamos ao sujeito a reconhecer como seu inconsciente é sua história: ou seja, ajudamo-lo a aperfeiçoar a historicização atual dos fatos que já determinaram, em sua existência, certo número de reviravoltas históricas. Mas se eles tiveram esse papel, foi na medida em que já eram fatos históricos, ou seja, reconhecidos de certo sentido ou censurados em certa ordem.⁴

Algumas páginas depois, continua:

[...] a análise não pode ter outra meta senão o advento de uma palavra verdadeira e a realização, pelo sujeito, de sua história em relação ao seu futuro.⁵

E depois, no *Seminário 1, Os Escritos Técnicos de Freud*:

[...] o fundamento, a dimensão própria da análise para Freud, é a reintegração por parte do sujeito de sua história até seus últimos limites sensíveis, ou seja, até uma dimensão que ultrapassa amplamente os limites individuais.⁶

Portanto, a história para a psicanálise não se apresenta em termos de "anamnese" médica, ou seja, como informação fornecida pelo paciente e por outros testemunhos para elaborar seu histórico clínico, no qual prevalece uma continuidade que vai desde o passado ao presente sem rupturas. Trata-se de "historicização" como narrativa atual em uma relação transferencial, onde o que conta, para nós, são os esquecimentos, as rupturas, as contradições. Mas também os elementos e suas

⁴ Lacan, J (1966). Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis. Em *Escritos 1*. Buenos Aires. Siglo XXI. p. 251. (Tradução nossa).

⁵ Ibidem. p. 290. (Tradução nossa).

⁶ Lacan, J. (1975). *El Seminario. Libro 1*. Buenos Aires: Paidós. p. 26. (Tradução nossa).

relações, porque o objetivo é estabelecer uma "leitura". Portanto, está em jogo uma temporalidade circular na qual o futuro e o passado entram em uma relação íntima de "inter-afetação". A leitura é concebida como uma interpretação, uma conjectura capaz de produzir um "efeito de verdade", não de objetividade, mas de novidade produzida pela dialética significativa. A historicização implica um diálogo entre o passado e o presente no qual a "verdade" é um emergente. Portanto, não se trata do presente corrigindo o passado, nem da realidade corrigindo a fantasia, nem do analista corrigindo o mundo interno do paciente, mas de uma leitura com efeitos de "verdade" em termos simbólicos.

Lacan situa a prática psicanalítica como a doutrina do significante, então a leitura que se faz da história é sempre a leitura do significante. Não há nada que possa ser considerado como objetivo, como fato tangível, como podemos ler em Freud na busca pelo fato ocorrido realmente. Mesmo a fantasia, em Freud, é sustentada pela pulsão, que é um dado biológico e inquestionável. Essa visão "dinâmica" implica, além disso, uma revalorização da influência da história no pessoal, mas também no coletivo, e promove uma compreensão mais profunda da interação entre o particular e o contexto em constante mudança.

BIBLIOGRAFIA:

1. Popper, K. (1994). *El mito del marco común*. Barcelona: Paidós Básica.
2. Benjamin, W. (2011). *Conceptos de filosofía de la historia*. Buenos Aires: Agebe.
3. Benjamin, W. (1982). *El libro de lo pasajes*. Madrid: Akal.
4. Lacan, J. (1966). Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis. Em *Escritos I* Argentina: Siglo XXI.
5. Lacan, J. (1975). *El Seminario. Libro I*. Buenos Aires: Paidós.
6. Brebbia, R. (1984). *¿La historia es el pasado?* Em *Materiales 1 Para una historia de la Razón epistémica*. Rosario: Cátedra historia epistemológica de la psicología.
7. Acha, O. y Vallejo M. (2010). *Inconsciente e historia después de Freud*. Buenos Aires: Prometeo Libros.
8. Sazbon, J. (2009). *Estructuralismo e historia* en Bauer, D. *La historia desde la Teoría, volumen I*. Buenos Aires: Prometeo Libros.

ILAN KON

Licenciado em Psicología (U.N.C.). Sócio de Apertura Para Otro Lacan (APOLa) Buenos Aires.

E-mail: ilankon@hotmail.com